



QUEM NOS LIBERTARÁ DOS LIBERTADORES?

Marcus Vinícius de Moraes¹

| 322

RESENHA: SANTOS, Valdir. *Independências na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2025.

As independências da América Hispânica já foram amplamente debatidas. As narrativas pátrias, o protagonismo da elite *criolla*, as teorias iluministas e as figuras heroicas dos generais libertadores fazem parte de uma representação tão concreta quanto as estátuas de bronze que se espalham pelo continente. Discutir esses temas é, de fato, abalar monumentos e estruturas que foram consolidados durante a construção dos Estados nacionais. O historiador Valdir Santos retoma essas questões narradas tantas vezes em seu livro, *Independências na América Latina* (2025), a fim de buscar um novo olhar sobre elas, questionando abordagens clássicas e solidificadas.

O pesquisador, na introdução, faz uma importante conexão com o presente, ao colocar as independências ibéricas como ponto fundador de um determinado discurso que ainda ecoa a respeito da América Hispânica. Essa análise, que apresenta os hispano-americanos como economicamente instáveis, violentos e caricatos dialoga com os estudos de João Paulo Pimenta a respeito da imprensa periódica do século XIX. Os jornais brasileiros publicavam conteúdos selecionados, silenciavam alguns episódios e, com isso, construíram uma imagem

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Autor dos livros: *Hernán Cortez: civilizador ou genocida?* São Paulo: Contexto, 2011; *Bolívar entre a cruz e a espada: independências e usos do passado colonial (1818-1822)*. Paco Editorial: Jundiá, 2022 e *Simón Bolívar: a desconstrução do Libertador*. São Paulo: LF editora, 2026 (no prelo). Pós-doutorado em Ensino de História da América. Avenida Princesa d'Oeste 831, apto 92. Jardim Proença - Campinas (SP), CEP 13026-137. e-mail: moraismarcus@yahoo.com.br

de que o Brasil seria superior ao resto do continente, isto é, a ordem, o *império civilizado dos trópicos*, ao passo que “A América espanhola se tornara o palco de guerras civis e destruições, anárquica e inundada de sangue” (PIMENTA, 2015, p. 187). À frente dessa alteridade, Santos nos propõe, a partir das independências, superar estereótipos e preconceitos.

Em sua proposta inicial, o historiador inova ao tratar as independências a partir de um eixo *euroatlântico*, ou seja, como um “[...] movimento abrangente que se constituiu como fruto de um período de intensas transformações que reordenaram o Império Espanhol e o Mundo Atlântico” (SANTOS, 2025, p. 8-9). Dessa forma, as emancipações surgem a partir de um diálogo constante entre a Europa e a América, ou seja, no interior das negociações e das tensões surgidas ao longo da crise do Antigo Regime. Além disso, outra novidade foi a ampliação da agência histórica, uma vez que as independências foram conduzidas não apenas pelos *criollos*, mas sobretudo a partir “das mais variadas camadas sociais e étnicas”. A América espanhola, tão plural, fez surgir acontecimentos igualmente multifacetados e, nas palavras do próprio autor, “uma série de projetos e experimentações políticas” (SANTOS, 2025, p. 9). Dessa forma, uma das ideias centrais do livro é, portanto, questionar algumas imagens preconcebidas a respeito das lutas emancipatórias.

No capítulo 1, *As múltiplas faces das independências*, o autor manteve uma visão de pluralidade: “[...] em ambos os batalhões, além de brancos nascidos dos dois lados do Atlântico, havia também mestiços, negros, indígenas, bem como diversas mulheres”. (SANTOS, 2025, p. 12). Essa perspectiva está de acordo com os estudos que destacam os conflitos sociais que margearam os conflitos na América. Francisco Alfaro Pareja, em *La historia oculta de la Independencia de Venezuela* (2016), destacou as disputas que existiam sub-repticiamente no mundo colonial. As independências não tiveram apenas motivações políticas, mas econômicas e sociais: “Isto implicou na participação de diversos estratos sociais, com distintas motivações e interesses [...]”. (PAREJA, 2016, p. 21).

Em seguida, Santos questiona a permanência de uma narrativa nacionalista de culto aos heróis: “[...] essa história estava baseada, ademais, na exaltação dos grandes personagens, em geral, os homens que haviam ocupado as principais posições militares e políticas do período” (SANTOS, 2025, p. 14). A historiadora Véronique Hébrard analisou a passagem da *heroicização ao mito*, demonstrando como a figura dos “homens armados” foi construída com a função de unificar uma América Hispânica tão multifacetada ao longo das guerras de independência: “[...] era preciso encontrar valores em volta dos quais a população pudesse se identificar e se reunir” (HÉBRARD, 2006, p. 6).

Nesse sentido, a guerra consagra o nascimento de uma “nova raça” de homens: eles são soldados, corajosos, cidadãos, honrados, patriotas, virtuosos, letrados, prudentes, quer dizer, uma espécie de *militar-filósofo*. O historiador Hugo Francisco Bauzá, em estudo clássico, já havia anotado que: “[...] o imaginário popular tem sentido – e sente – a necessidade imperiosa de idealizar figuras heroicas que lhe indique uma rota, que lhe sirva de modelo” (BAUZÁ, 1998, p. 8). Esse tipo de construção fundamentava o futuro nascimento das nações hispano-americanas. Elas teriam uma origem heroica e, por isso, estariam predestinadas a serem igualmente grandiosas. Santos, assim, problematiza essa visão linear e evolucionista da História, de um passado imemorial que, uma vez eternamente lembrado - em festas, feriados ou estátuas - seria capaz de determinar as ações do presente: “[...] a despeito da força dessa visão heroica dos processos emancipacionistas, já era possível perceber em meados daquele século (XIX), algumas fissuras nas narrativas laudatórias das independências (SANTOS, 2025, p.15).

O primeiro capítulo, de maneira *koselleckiana*, afirma que as independências geraram novos marcos, novas experimentações e “novas utopias em relação ao futuro” (SANTOS, 2025, p. 20), ou seja, elas foram uma *espera* e também uma *esperança*. Um dos pontos mais relevantes dessa primeira parte foi a associação que Santos estabeleceu entre o passado e o presente. Alguns dos atuais governos latino-americanos se colocam como continuadores dos heróis

libertadores. A obra inacabada, e iniciada no século XIX, precisa ser completada. Existe uma “descolonização ainda a ser cumprida”. A Coroa de Castela, do século XVI, se converteu no Império Espanhol do XIX que, por sua vez, ressurgiu com roupagens norte-americanas em pleno séculos XX e XXI. A América, que luta e resiste contra a ganância, a exploração e as injustiças de potências estrangeiras, é também o continente de veias abertas.

Essas ponderações, que criticam uma certa postura bolivarianista contemporânea, foram desenvolvidas em trabalhos conhecidos, como os de Germán Carrera Damas e Elías Pino Iturrieta: “[...] o herói adquire o sentido de permanente e incessante realização, na medida em que o que se considera o seu legado encontra eco em situações ou fatos atuais” (DAMAS, 1969, p.259). As presidências dos venezuelanos Hugo Chávez (2002-2013) e Nicolás Maduro (2013-2026) estão inseridas nesta lógica de usos do passado: “É a história dourada, a única história da Venezuela, que regressa para terminar seu trabalho em uma carruagem, cheia de viajantes ressuscitados, conduzida pelo cocheiro armado” (ITURRIETA, 2003. p.205). De forma delicada e generosa, Santos traz essas análises à tona, de maneira quase invisível em seu texto. Na feliz expressão de Nikita Harwich (2003), existiu um “Herói [Bolívar] para todas as causas”.

O segundo capítulo, *Reformas e rebeliões no Império Espanhol*, destaca os levantes indígenas ocorridos na América durante a década de 1780, principalmente os que foram liderados por Tupac Amaru II e Tomás Katari. Santos destaca a participação de mestiços, de mulheres, de negros e de *criollos* que combateram ao lado dos nativos”. O autor enfatiza que esses movimentos não queriam a separação em relação aos espanhóis, mas uma “repactuação”, a dizer, uma reformulação das relações com a Monarquia. Santos, nesse momento, complexifica o passado, desestabilizando narrativas aparentemente estáveis. Em alguns casos, líderes locais foram fiéis aos espanhóis: “[...] nem todos os cacicados e *curacados* indígenas participaram das revoltas e das rebeliões do século XVIII ao lado dos insurgentes. Muitos [...] lutaram sob as ordens da Coroa espanhola” (SANTOS, 2025, p.39). Dessa maneira, essas revoltas não foram prenúncios de

nacionalismos. Elas não antecederam a ideia de nação. O livro, nesse momento, se aproxima das discussões desenvolvidas por José Carlos Chiaramonte. Para o historiador argentino: “[...] nos tempos das independências não existiam as atuais nações ibero-americanas – nem as correspondentes nacionalidades – as quais não foram a causa, mas sim a consequência tardia destes movimentos” (CHIARAMONTE, 2004, p.20).

Em *Conexões atlânticas em tempos revoltos*, no terceiro capítulo, o autor analisa a atuação de Francisco de Miranda, conhecido como *El Precursor*, na Venezuela, além de abordar os conflitos travados na Argentina contra a Inglaterra entre os anos de 1806 e 1807. Em *Morram os traidores! Viva Fernando VII*, título do capítulo quatro, foi desenvolvido o contexto ocorrido no México e o conhecido Grito de Dolores, de 16 de setembro de 1810. Apesar de mencionar as influências iluministas na América, o contato com os Estados Unidos e com a França revolucionária, o autor ressalta que, inicialmente, não existiam projetos separatistas, mas somente críticas ao mau governo. Santos foi generoso ao esclarecer a estrutura da monarquia espanhola, a *tradição pactista*, desenvolvida pelo jesuíta Francisco Suárez. Após as abdições de Carlos IV e Fernando VII, o autor explica: “no caso da ausência do rei ou do mau governo do monarca, a soberania deveria voltar aos *pueblos*, que governariam coletivamente até a ascensão (ou regresso) de uma autoridade legítima” (SANTOS, 2025, p.76).

Ao longo do quinto capítulo, *As revoluções hispânicas entre guerras, cortes e castas*, Valdir Santos destaca a figura de Simón Bolívar. De forma sutil, o autor realiza uma certa desconstrução da imagem do “Libertador”, ao citar a traição de Bolívar contra Francisco de Miranda e a decretação da “guerra de morte” aos espanhóis”, ou seja, a imagem heroica e intocada do general *criollo* foi levemente arranhada, além de, com isso, demonstrar a existência de outros protagonistas. Santos, nessas passagens, estabelece vínculos com a pesquisa de Fabiana de Souza Fredrigo que, em *Guerras e escritas*, demonstrou, a partir da análise das correspondências bolivarianas, que o líder caraquenho foi artífice da sua própria imagem, elaborando a memória da indispensabilidade, isto é, a de

um líder imprescindível: “[...] os sinais epistolares apontariam para a história que o missivista queria legar à posteridade” (FREDRIGO, 2010, p.34). Nesse mesmo capítulo, Santos mais uma vez destacou o caráter plural das independências. Durante as batalhas, “[...] era possível encontrar *peninsulares*, *criollos*, mestiços, indígenas e negros livres e escravizados na defesa das mais variadas posições ao logo desses anos conflituosos”. (SANTOS, 2025, p.102).

O sexto capítulo, *Encontros e desencontros nas independências*, manteve, em seu início, essa mesma narrativa de pluralidade. José Antonio Páez foi o principal líder das “camadas mais pobres da sociedade”, *llaneros* (habitantes das planícies), vaqueiros, mestiços, “responsáveis por muitas das vitórias dos exércitos de Bolívar”. Não sem motivo, Santos menciona várias mulheres, como Policarpa Salavarrieta, a “La Pola”, e Evangelista Tamoyo, ambas de Nova Granada; as quitenhas Manuela Sáenz, companheira de Bolívar, e Manuela Cañizares, além da novo-hispana Josefa Ortiz de Dominguez e a alto-peruana Juana Azurduy.

Se as independências tiveram a participação de mulheres e das camadas mais baixas da população e se a separação em relação à Espanha foi também um momento refundador da América - e de origem das nações - isso significa dizer que o momento presente espera e exige o mesmo protagonismo e a mesma agência histórica desses grupos. Ao narrar as independências dessa forma, Santos quebra a tradicional representação de liderança única da elite branca *criolla* e, ao mesmo tempo, dá um recado direto para o crescimento da direita no mundo atual: a América Hispânica foi e sempre deverá ser múltipla.

Nesse sentido, à frente de inúmeras questões, de tantos aspectos e dos mais variados grupos “[...] ocorreram diversas experimentações políticas, muitas das quais inspiradas em modelos supostamente *antigos* e de outras tantas concepções que se pretendiam *modernas*” (SANTOS, 2025, p.145). Nas palavras do autor, as guerras emancipatórias se fizeram como “[...] a construção de algo novo sobre os escombros e sobre muitas permanências do Antigo Regime e da colonização” (SANTOS, 2025, p.145). Essa abordagem, em que passado e

presente se conectam, está em diálogo com os estudos de Elías José Palti: “O tradicional e o moderno se imbricam no discurso de modos complexos e cambiantes tornando-se, inclusive, muitas vezes, indissociáveis entre si” (PALTI, 2007, p.123). É provável que o livro de Valdir Santos se torne a nova referência para alunos e professores, no que diz respeito aos primeiros passos para se entender melhor as independências, assim como foi para a geração anterior o pequeno livro de León Pomer (1981).

As pesquisas, contudo, precisam continuar. É de extrema importância elucidar as relações existentes entre o surgimento da imprensa periódica e as narrativas construídas sobre as emancipações. O próprio Valdir Santos, em pesquisa de pós-doutorado (2026), vinculada à Universidade de Barcelona, tem investigado de que forma os debates a respeito das independências foram narrados pelos jornais ibéricos entre 1820 e 1823, durante o chamado Triênio Liberal. Os mitos a respeito dos heróis armados, dos militares-filósofos, ainda ecoam no mundo atual? De que modo podemos nos libertar dos libertadores? O livro de Santos abre caminhos e nos permite, com segurança, percorrer as emancipações “em seus labirintos”.

Referências bibliográficas:

BAUZÁ, Hugo Francisco. *El mito del héroe: morfología y semántica de la figura heroica*. Buenos Aires: FCE, 1998.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. Buenos Aires: Sudamerica, 2004.



- DAMAS, Germán Carrera. *El culto a Bolívar*. Caracas: Grijalbo, 1969.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- HARWICH, Nikita. "Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía". *Iberoamericana*, III, 10 (2003). p. 7-22.
- HÉBRARD, Véronique. "El hombre en armas: de la heroización al mito". In.: *Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones, ficciones*. Lima: Institut Français d'études andines, 2006 (p.1-28).
- ITURRIETA, Elías Pino. *El divino Bolívar: ensayo sobre una religión republicana*. Madrid: Catarata, 2003.
- PALTI, Elías José. *El Tiempo de La Política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.
- PAREJA, Francisco Alfaro. *La historia oculta de la Independencia de Venezuela: de la guerra idealizada a la paz imperfecta*. Caracas: Alfa Editorial, 2016.
- PIMENTA, João Paulo. *A independência do Brasil e a experiência hispano-americana (1808-1822)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2015.
- POMER, León. *As independências na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1981.